



JESUÍTAS BRASIL

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 173 | Volume 20 | 2023

**Diaconato feminino na história da Igreja**

Guillermo Daniel Micheletti

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 173 | Volume 20 | 2023

## **Diaconato feminino na história da Igreja**

**Guillermo Daniel Micheletti**

Presbítero na Diocese de Santo André - SP e membro

fundador da Sociedade Brasileira de Catequetas



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



**UNISINOS**

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 173 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Ecmênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** PxHere

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editores:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



# Diaconato feminino na história da Igreja

Guillermo Daniel Micheletti

**RESUMO:** Hoje, pela força do Espírito, a Igreja volta a debater sobre o diaconato feminino. Muitos artigos e pesquisas bíblico-teológicas são publicados no ambiente católico. Fica cada vez mais claro a inegável existência de mulheres que exerceram com abundantes frutos o ministério diaconal nos primeiros séculos do cristianismo. Este artigo tenta demonstrar não apenas a existência desse precioso ministério, mas também como ele foi instituído com rito sacramental de ordenação; isto é, de categoria sacramental no primeiro grau da Ordem. Espero contribuir para os debates que promovam este necessário e imprescindível ministério na Igreja, ministério que, há alguns séculos, a Igreja católica nega às mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres. Ministério Diaconal. Igreja.



# Female Diaconate in the History of the Church

Guillermo Daniel Micheletti

**ABSTRACT:** Today, by the power of the Spirit, the Church reengages in the discussion on the female diaconate. Numerous articles and biblical-theological research are being published within the Catholic environment. It is becoming increasingly evident that there is undeniable historical evidence of women who exercised the diaconal ministry with abundant fruits in the early centuries of Christianity. This article seeks to demonstrate not only the existence of this valuable ministry but also how it was instituted with a sacramental ordination ritual—specifically, with sacramental status in the first degree of Holy Orders. I aim to contribute to the discussions that advocate for this necessary and indispensable ministry within the Church, a ministry that the Catholic Church has denied to women for several centuries.

**KEYWORDS:** Women. Diaconal Ministry. Church.



# Diaconato feminino na história da Igreja

Guillermo Daniel Micheletti

Presbítero na Diocese de Santo André - SP e  
membro fundador da Sociedade Brasileira de Catequistas

## POEMA PARA LOUVAR AS MULHERES

Minha mãe foi uma mulher da tribo arameia errante.

Padeceu na escravidão no Egito;

então dirigiu-se ao Deus de nossas mães

Sara, Agar, Rebeca, Raquel e Lia.

Louvado seja Deus que sempre escuta os pobres.

Minha mãe foi guerreira, juíza e rameira.

Deus a chamava de vez em quando

para salvar e libertar a sua gente;

Miriam, Yael, Débora, Judite, Tamar.

Louvado seja Deus que salva sempre.

Minha mãe foi uma judia galileia.

Teve um filho maravilhoso  
que foi odiado e perseguido; inocente, foi executado.

Maria, mãe de todas as dores, mãe de todas nós.

Louvado seja Deus que dá força sempre...  
Minha mãe foi uma testemunha da ressurreição de Cristo,  
Apóstola dos apóstolos.

Rejeitada, esquecida, injustamente proclamada prostituta.

Maria de Magdala, vanguarda da Igreja das mulheres.

Louvado seja Deus que vive, para sempre.

Minha mãe foi apóstola, profeta, fundadora e mestra,  
chamada ao discipulado dos iguais;  
dotada de poder pelo Deus, Sabedoria de Jesus.

Marta, Febe, Júnia, Priscila, Mirta, Ninfa, Tecla.

Louvado seja Deus que chama sempre...

Minha mãe foi uma mulher cristã cheia de fé.  
Uma mística empobrecida, uma fragilizada mártir,  
uma santa, uma mulher compassiva.

Uma nativa americana, uma escrava negra,  
uma imigrante pobre, uma velha analfabeta,  
uma mulher sábia.

Digamos com ela, em cada geração:

Louvado seja Deus que representa a todas ...<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tomado de Elisabeth Schüssler FIORENZA. *Pero ella dijo: Prácticas feministas de interpretación bíblica*. Madri: Trotta, 1996, p. 109. In: CANO/VARELA. *Mujeres e Diaconado*, p. 246, tradução e adaptação minha.

## INTRODUÇÃO

A interrogação é: qual texto bíblico o impede? Eu não conheço nenhum que impeça a ordenação de mulheres ao diaconato (Paul-André DUROCHER, arcebispo de Gatineau).

É crucial que as **mulheres** sejam colocadas em posições de liderança na Igreja e recebam maiores responsabilidades ... Não podemos mais simplesmente dizer que a questão da ordenação de mulheres foi decidida de uma vez por todas, e ponto final (Heiner WILMER, bispo de Hildesheim).

A modo de introdução, é interessante a resposta do Papa FRANCISCO a uma pergunta feita por mulheres consagradas sobre a atual situação do diaconato feminino na Igreja:

Eu recordava que era um tema que me interessava bastante quando vinha a Roma para as reuniões e me alojava na Domus Paulo VI; vivia ali um teólogo sírio, bom [...] E certa vez perguntei-lhe acerca disto, e ele explicou-me que nos primeiros tempos da Igreja havia algumas “diaconisas”. Mas o que [eram] estas diaconisas? Eram ordenadas ou não? Disto fala o Concílio de Calcedônia [451], mas não é muito claro. Qual era o papel das diaconisas naqueles tempos? Parece – disse-me aquele homem, que faleceu, era um ótimo professor, sábio, erudito – que o papel da diaconisa era ajudar na imersão do batismo das mulheres; eram elas que as batizavam, para o decoro, também para fazer a unção [*com o óleo da crisma*] sobre o corpo das mulheres. E até uma coisa curiosa: quando havia um juízo matrimonial porque o marido tratava mal a esposa e ela ia lamentar-se com o bispo, as diaconisas eram encarregadas de ver as marcas deixadas no corpo da mulher pelas pancadas do marido e informar o bispo. Recordo isto. Há algumas publicações sobre o diaconado na Igreja,

mas não é claro como aconteceu. Penso que pedirei à Congregação para a Doutrina da Fé que me refira acerca dos estudos sobre o tema, porque eu vos respondi apenas com base no que ouvi deste presbítero que era um pesquisador erudito e válido, sobre o diaconado permanente. E além disso, gostaria de constituir uma comissão oficial que possa estudar a questão: penso que fará bem à Igreja esclarecer este aspecto.<sup>2</sup>

Não se pode dissimular o anseio esperançoso de ver um dia a mulher exercendo o ministério diaconal. Isso contribuiria, e muito, para melhor servir aos mais vulneráveis e, entre eles, as mulheres, as mais vulneráveis entre as vulneráveis, as prediletas do Senhor.

A teóloga Serena NOCETI se questiona: “Que significa pensar hoje em mulheres diáconas?”<sup>3</sup> O tema já foi amplamente pesquisado, mas é preciso irmos a maiores aprofundamentos, pois esta pergunta implica uma séria confrontação com as fontes neotestamentárias, com os escritos dos Padres da Igreja, com as fontes litúrgicas e canônicas dos primeiros séculos e com outros autorizados documentos que aportam nova luz sobre a figura da mulher diácona e seu protagonismo na Igreja antiga.

O tema é motivo de debates em artigos e livros. Pois tratar da ordenação feminina ao diaconato permanente implica rever, e com muita ousadia, a questão teológica e eclesiológica do ministério ordenado na Igreja. A pesquisa atual sobre o diaconato nos primeiros tempos da Igreja manifesta, como de comum acordo, que o tema inclui tanto o homem quanto a mulher. Como 2 Papa FRANCISCO. *L'Osservatore Romano*, n. 20/2414, p. 9.  
3 Serena NOCETI. *Diáconas. Un ministerio de la mujer en la Iglesia*. Santander: Sal Terrae, 2017. p. 13-15. Usarei “diácona” para me referir ao ministério eclesial da diaconia feminina.

diz John COLLINS, em se tratando do termo *diakonía* no uso cristão antigo, para se referir ao ministério ordenado, ele é abrangente. Em outras palavras, tudo o que se afirma acerca do ministério diaconal é aplicável de igual modo tanto ao homem quanto à mulher.<sup>4</sup>

Os resultados publicados pela comissão que o Papa FRANCISCO constituiu para estudar o tema não foram muito felizes; no entanto, não foram definitivos. O Papa pediu para continuar com as pesquisas sobre o tema.

Nestes últimos anos, após a convocação do Papa a uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para Amazônia (15/10/2017), chegaram notícias de que no processo de consulta e de redação do texto-base, muito fecundo por sinal, alguns bispos, conhecedores daquela sofrida realidade pastoral, reivindicaram uma corajosa e renovada visão dos ministérios eclesiais, propondo a possibilidade de aceder à ordenação diaconal de mulheres.

A esperança reacendeu. Pois, num tempo eclesial que proclama de muitas maneiras a “igual dignidade do homem e da mulher” pelo batismo e, no que diz respeito às competências ministeriais na Igreja, leva a olhar com carinho as fontes primitivas da Igreja onde as relevantes atuações das “diáconas” fazem ressurgir com esperança a possibilidade de amplos debates sobre a realidade do ministério das diáconas na Igreja, ministério do qual muitas pessoas que anseiam uma Igreja renovada estão à espera de sábias decisões.<sup>5</sup>

4 Cf. John N. COLLINS. *Los diáconos y la Iglesia. Conexiones entre lo antiguo y lo nuevo*. Barcelona: Herder, 2004, p. 11.

5 Cf. Vitor Galdino FELLER. *A Reforma da Igreja*. In: *Perspectiva Teológica*, 128, janeiro/abril, 2014, p. 40-41; Rafael LUCIANI. *La opción teológico/pastoral del Papa Francisco*. In: *Perspectiva Teológica*, 1,

Como sabemos que os caminhos do Espírito são insondáveis e imprevisíveis, mais uma vez, e sem empolgação, nos deparamos com a notícia de que o Papa, em audiência concedida ao cardeal Luis F. Ladaria FERRER, então prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, decidiu instituir uma nova comissão para continuar o debate sobre o diaconato feminino.<sup>6</sup>

Enfim, diante dos renovados debates sobre a situação da Igreja no mundo, iluminados e impulsionados pelo Sínodo convocado pelo Papa FRANCISCO, saibamos respirar com os pulmões de inspirados homens e mulheres nos mais variados ministérios, para pensar e afrontar juntos os desafios à fé cristã, para melhor servir os mais fragilizados do Reino.

## OLHAR BÍBLICO SIMPLES E NÃO EXAUSTIVO

Lê-se com surpresa o trecho de Romanos 16,1-2, que trata sobre uma mulher “diácono” [διακονός],<sup>7</sup> que

janeiro/abril, 2016, p. 81-115; Antonio José de ALMEIDA. Transições eclesiológicas e reformas eclesiais. “Vai, Francisco, reconstrói a minha Igreja!” *REB73*, 292, outubro, 2013, p. 864-885.

6 Publicado no *Bollettino Sala Stampa della Santa Sede*. A nova comissão foi assim constituída: **Presidente:** Card. Giuseppe Petrocchi, arcebispo de L’Aquila. **Secretário:** Denis Dupont-Fauville, teólogo e patrólogo, da Congregação para a Doutrina da Fé. **Membros:** Prof. Dominic Cerrato, diácono e teólogo, Steubenville/EUA. Prof. Don Santiago del Cura Elena, teologia sistemática – Sacramento da Ordem, Burgos/Espanha; Prof. Don Manfred Hauke, teologia dogmática, Lugano/Suíça; Prof. James Keating, diácono e teólogo, Omaha/EUA; Prof. Mons. Angelo Lameri, liturgista, Crema/Itália; Prof.<sup>a</sup> Rosalba Manes, biblista, Viterbo/Itália; Prof.<sup>a</sup> Anne-Marie Pelletier, biblista, Parigi/França; Prof.<sup>a</sup> Catherine Brown Ktacz, biblista, Lviv/Ucrânia; Prof.<sup>a</sup> Caroline Farey, filósofa, Shrewsbury/Grão Bretanha; Prof.<sup>a</sup> Barbara Hallensleben, teóloga, Friburgo/Suíça.

7 Palavra grega que pode ser empregada no masculino e no feminino, designa tanto “o diácono” como “a diácono”. No feminino “diácona ou diaconisa” só aparece uma vez no NT, justamente em Romanos 16,1. Devemos observar que o título de diáconos foi usado em Oriente, enquanto no Ocidente prevaleceu o termo latino

faz referência especificamente a Febe. Esse texto é, na opinião de alguns biblistas, atribuído a uma breve saudação que Paulo dirige aos efésios, escrita provavelmente quando Paulo estava em Corinto ou na prisão em Roma. Seria então um acréscimo posterior à Carta. Esta afirmação responde a uma observação já antiga, pois, sendo que o texto de Romanos 16,1-2 seria uma breve saudação independente à Carta, no tempo da sua escrita Paulo não podia já ter conhecimento de tantas pessoas, muitas delas, pelo que se demonstra, residiam em Éfeso.<sup>8</sup> Assim diz o texto:

Recomendo-vos nossa irmã Febe,<sup>9</sup> [que é também] *diácono* da Igreja em Cencreia.<sup>10</sup> Acolhei-a no Senhor, de maneira digna, como convém aos santos, e assisti-lhe em qualquer coisa em que possa precisar de ajuda, pois ela também tem ajudado [protegido] a muitos, inclusive a mim.

Uma questão destacável, que revela a importância de Febe naquela comunidade, é que ela não apenas é apresentada como diácona [διακονὸς], mas também como “protetora ou benfeitora de muitos” [*prostátis pollôn*], função jurídica da magistratura atribuída a homens e que lhe foi atribuída de modo excepcional.

---

“diaconisa”. Sabe-se também que este último termo, não poucas vezes, foi atribuído às esposas dos diáconos.

8 W. SCHMITHALS. *Paolo. Lettera ai Romani*, p. 157.

9 O nome Febe (Φοίβη), que significa “esplendente, radiante, luminosa”, corresponde, na mitologia grega, à filha “mais bonita” de entre os doze filhos de Urano (Céu) e Ghé (Terra = mãe que gera vida), e neta de Apolo e Artemide. Quando os deuses gregos foram incorporados ao panteão romano, Febe foi inserida num dos títulos de Diana, deusa romana da Lua, talvez confundida com Selene. Provavelmente Febe foi uma escrava liberta que, convertida, virou destacada discípula de Cristo (SCIMMI. *Diáconas* – nota 191, p. 148).

10 Porto marítimo oriental de Corinto no Golfo Sarônico, a 18 km da cidade, utilizado para atender o tráfego com o mar Egeu. Não se sabe muito da origem dessa Igreja. Em Cencreia, Paulo cortou o cabelo como voto do nazirato (Atos 18,18).

Por esta prerrogativa tão particular, parece que Febe era certamente respeitada nessa condição e gozava de uma tal condição moral e econômica, que lhe permitia realizar ações de apoio em defesa dos indefesos, estrangeiros e libertos.<sup>11</sup>

Sobre o fato de chamar Febe de diácona [δίακονός], muitos exegetas já deram seu parecer. A minoria é contrária ao fato de considerar Febe uma “diácona” canonicamente reconhecida; outros, como PIENDIBENE, acham que Febe desenvolveu um “apostolado específico”, cuja consistência assemelharia a um “ministério ordenado”, sem afirmar esta condição de modo conclusivo; isto é, que ela tivesse sido “formal e institucionalmente ordenada”.<sup>12</sup> Mas a maioria não tem dúvida em outorgar a Febe “uma função diaconal de validade eclesial”. Entre eles, Georg Günter BLUM, ao sustentar a opinião de que Romanos 16,1-2 é uma indicação suficientemente a favor da existência de um ofício de diáconas no período apostólico. Outros estudiosos apoiam também esta posição.<sup>13</sup> Por exemplo, LOHFINK, que afirma: “Em primeiro lugar *diáconos* faz referência a uma função bem mais destacada do que uma atividade apenas genérica, visto que a diaconia se encontra já especificada na segunda parte de Romanos 16,2. Pelo fato de ser Febe uma mulher, não se pode rejeitar o valor oficial atribuído ao termo *diáconos* para ela”.<sup>14</sup> De igual modo, a teóloga e biblista Elisabeth Schüssler FIORENZA: dado que Febe é chamada *diáconos* [δίακονός] na Igreja de Cenecria, recebe esse

11 Cf. . *Diáconas* – nota 33, p. 150-153CIMMI1; John COLLINS. *Los Diáconos y la Iglesia*. Barcelona: Herder, 2002, p. 98.

12 Cf. Daniel Ramada PIENDIBENE. *O diaconato permanente. Vigência pastoral e fundamentos teológicos*. In: *Encontros Teológicos* 54, 2009, p. 100.

13 Huby, Cranfield, Pesch, Schmidt e Schlier.

14 Cf. CIMMI. *Diáconas* – notas 39.42, p. 152-153.

título pelos seus destacados serviços e funções de peso considerável na comunidade. Que Febe pudesse ostentar uma grande autoridade no esforço missionário do cristianismo primitivo aparece em destaque pelo segundo título a ela atribuído: “patroa/protetora”. Ainda reforça esta situação o fato de Paulo dirigir a Febe, a uma “única pessoa”, três significativos títulos: “irmã/colaboradora, diácona e patroa”,<sup>15</sup> ou, por melhor dizer: responsável da comunidade cristã da cidade. Enfim, para WILCKENS esta peculiar situação coloca a Febe como uma das primeiras testemunhas na origem do diaconato, surgido do carisma do serviço e do trabalho bem diversificado realizado pelos missionários e colaboradores da comunidade, evidenciando na ação de Febe uma definida ação “ministerial eclesial”.<sup>16</sup>

Febe foi diácona de reconhecida santidade (Romanos 16,1s), modelo do serviço diaconal. Para lembrar esse reconhecimento, podemos lembrar a oração de ordenação de uma diácona no *Euclógio Barberini*: “realizai nela a graça do ministério do diaconato da mesma forma como concedestes a Febe a graça de vosso diaconato”. Teodoreto de Ciro, num comentário, traça o perfil de Febe dizendo que na comunidade de Céncreas, ela era considerada mulher nobre e

---

15 Segundo as pesquisas de Bonnie THURSTON, falar que Febe era “patroa” estaria a significar que era uma pessoa de recursos e que morava numa casa suficientemente ampla para acolher as reuniões da comunidade cristã (celebrar a eucaristia), e, eventualmente, alojar missionários, entre eles Paulo, que desfrutou de sua gentil hospitalidade. (Cf. Alberto de Mingo KAMIUOUCHI. *El Diaconado femenino en el Nuevo Testamento*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y Diaconado* – notas 9 e 11, p. 36-37.)

16 Cf. SCIMMI. *Diáconas*, p. 155-157 – notas 49.53; Marinella PERRONI/Pius Ramon TRAGAN. *La diaconia en el Nuevo Testamento. De Jesús a las Iglesias de Éfeso: una trayectoria*. In: SCIMMI. *Diáconas* – interessante é a nota 18, p. 135.

célebre; diácona reconhecida de elevada estatura moral e caridosa. Sabe-se que em sua casa congregava uma comunidade cristã, na qual oferecia hospitalidade (*filoxenia*) a muitos cristãos itinerantes, entre eles Paulo.<sup>17</sup>

Enfim, podem-se examinar outras citações em defesa da diaconia feminina: 1Coríntios 12; Romanos 12 e 1Timoteo 3,11. Mas, para não delongar demasiado o aspecto exegético da questão, fica em aberto para futuras pesquisas.

Pode-se concluir afirmando, sem descrever por enquanto quais eram as tarefas específicas das diáconas, que a sua destacada presença estava estreitamente ligada, como todos os diáconos, ao ministério episcopal. Elas exerciam um serviço “auxiliar” tanto no que diz respeito às necessidades da comunidade, especialmente para com os mais pobres, quanto no que concerne à sua participação no âmbito da liturgia e da catequese.

Pois bem, sabendo que entre os cristãos das gerações apostólicas tanto os bispos como presbíteros e diáconos eram escolhidos entre pessoas dignas, podemos colocar aí também, seguindo a tradição paulina, homens e mulheres para o ministério diaconal. Isto comporta aceitar, no processo inicial de organização eclesial, a igualdade de gênero, estrutura que, no decorrer do tempo, foi se polarizando para a masculinidade, assimilando, em sua hierarquização, o modelo

---

17 Cf. Moira SCIMMI. *Una lectura a la par con los tiempos de las fuentes sobre las diáconas*, Cap. 8. In: VV.AA. *Diáconas. Un ministerio de la mujer en la Iglesia*. Espanha: Sal Terrae, 2017. p. 199-201; para Febe: Senén VIDAL. *Nuevo Testamento: notas* 154.155, p. 828; Bíblia TOB (nova tradução CEI). Leumann: Elledici, 2009: notas *o/p/r*, p. 2610. Deve-se destacar que a virtude da hospitalidade é considerada tão importante que era condição exigida aos candidatos a bispos (1Timóteo 3,2; Tito 1,7).

social e litúrgico das cortes patriarcais.<sup>18</sup>

## O QUE DIZ A HISTÓRIA

Nas últimas décadas surgiram qualificadas pesquisas sobre a história do diaconato feminino na Igreja antiga.<sup>19</sup> Apoiado nelas, a seguir apresento um esquemático percurso histórico. Com isto, desejo recuperar alguns elementos quase que esquecidos do diaconato feminino.

### DIACONATO DAS MULHERES NO SÉCULO I

Como já foi dito, encontra-se a primeira referência ao diaconato feminino na Carta aos Romanos, onde se lê: “Recomendo-vos nossa irmã Febe, diácona da Igreja em Cencreia. Acolhei-a no Senhor, de maneira digna, como convém aos santos, e assisti-lhe em qualquer coisa em que possa precisar de ajuda; pois ela também tem ajudado muitos, inclusive a mim”. Só para lembrar o dito na introdução bíblica: Febe era uma cristã pertencente à comunidade do porto de Corinto, Céncreas, a quem Paulo a considera diácono da comunidade (o feminino diácona aparecerá tempo mais tarde), benfeitora da Igreja e do próprio Paulo, pois o apóstolo, tão zeloso da sua autonomia econômica, se deixou “ajudar” por ela (16,1-2). Mulher de situação econômica confortável, ajudava a comunidade com seu dinheiro e influência; provavelmente dispunha sua casa para reunir-se e celebrar as “comidas eucarísticas”.

18 Cf. PERRONI/TRAGAN. *La diaconia en el Nuevo Testamento*. In: SCIMMI. *Diáconas*, p. 140-141; Agenor BRIGHENTI. *O laicato na Igreja e no mundo. Um gigante adormecido e domesticado*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 47-48.

19 Ver referência bibliográfica.

## DIACONATO DAS MULHERES NO SÉCULO II

Ao redor de 110 d.C., na Ásia Menor, atual Turquia, sabe-se da existência de uma carta de Plínio, o Jovem,<sup>20</sup> dirigida ao imperador Trajano, motivada por uma série de revoltas populares em Bitínia, norte de Ásia Menor. Ao falar sobre as medidas repressivas atuadas contra aqueles cristãos, escreve: “Tentei por todos os meios, inclusive com a tortura, arrancar a verdade a duas escravas chamadas servidoras” (*ex duabus ancillis, quae ministrae dicebatur*). Mesmo que a etimologia não permita achar total correspondência entre a palavra latina *ministrae* e a grega *diákonos*, há uma alta probabilidade de que a sinonímia exista.<sup>21</sup> Pois, como diz BARTELINK, não sabemos ao certo se essas palavras já definiam naquele tempo “um ministério específico”. No entanto, o testemunho de Ignacio de Antioquia e o Pastor de Hermas retratam a existência de um ministério eclesial específico (século II).<sup>22</sup> A feliz novidade,

20 Caio Plínio Cecílio Segundo (*Caius Plinius Caecilius Secundus*). Nasceu em 61/62 e morreu em 114. Conhecido como Plínio “o Jovem”, “o Moço” ou “o Novo”. Foi orador insigne, jurista, político e governador imperial na Bitínia (111-112). Testemunha da tremenda erupção do Vesúvio em 79 d.C. Seus escritos sobre o dia em que Pompeia se afogou em cinzas, são o principal documento escrito sobre tal erupção. O conteúdo das cartas trocadas entre Plínio e o imperador Trajano, preservadas até hoje, é considerado um dos mais valiosos documentos para entender a organização e a vida cotidiana do império romano da época. Nessas cartas, Plínio cita pela primeira vez o cristianismo num documento romano conhecido.

21 É sabido que naquele tempo, nos cultos pagãos, eram empregados(as) escravos(as) para as ações mais pesadas: abate de animais, limpeza, etc. Mas esse não é o caso das “escravas” cristãs de Bitínia. Elas faziam parte da comunidade participando ativamente da liturgia (cf. PLÍNIO “O Jovem”. *Cartas X*, 96, 2; Rosa MENTXAKA. *Las diaconisas a la luz de algunas constituciones imperiales de la Antigüedad tardía*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y Diaconado*, nota 18, p. 60-61).

22 Cf. BARTELINK. *Le vocabulaire paléo-chrétien*. 8. In: Santiago GUIJARRO. *El Cristianismo como forma de vida. Los primeros seguidores de Jesús en Ponto y Bitínia*. Salamanca: Sígueme, 2018, p.

neste caso, é que já existiam nas primeiras comunidades mulheres que exerciam o ministério, sendo que sua situação era de escravidão. A presença de escravos entre os membros da comunidade viria a ser revolucionária e habitual no cristianismo primitivo, pois a função de serventia e a função do serviço diaconal estavam estreitamente relacionadas.

### DIACONATO DAS MULHERES NO SÉCULO III

Será neste século que o diaconato feminino se concretiza nas comunidades cristãs. Sua presença será “algo habitual”, até o ponto de aparecerem muitas referências ao diaconato feminino tanto em inscrições epigráficas quanto em documentos literários.

Tendo por referência Clemente de Alexandria, algumas mulheres acompanhavam os missionários, casais missionários, para ajudá-los no ministério/serviço (*syndiákonous*) oferecido às mulheres do lar.<sup>23</sup> Pois numa sociedade fortemente patriarcal aquelas mulheres itinerantes podiam superar os limites espaciais e culturais impostos aos homens e, entrando nas casas, ajudavam as mulheres não cristãs, sobretudo as doentes.

Mais muito interessante aparece a referência colocada por ORÍGENES (230), quem, ao comentar Romanos 16,1-2, diz: “Esta passagem ensina com autoridade apostólica que as mulheres também estão constituídas no ministério da Igreja, ofício no qual estabeleceu a Febe na Igreja de Cencreia ... Esta passagem ensina duas coisas de igual maneira, e seu significado deve-se

---

81. Neste livro a exposição sobre a Carta de Plínio o Jovem é muito bem documentada.

23 CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Stromata* III, 53, 3.

interpretar ... como que as mulheres devem ser consideradas *ministras* da Igreja e que devem admitir no ministério aquelas pessoas que têm prestado serviço a muitos” (*Comentário à Carta aos Romanos 16,2*). O fato de associar Febe com a linguagem técnica utilizada permite afirmar que Orígenes está se referindo ao diaconato feminino como ministério reconhecido e estável pela Igreja de seu tempo.<sup>24</sup>

E, se por acaso, houvesse dúvidas, num texto litúrgico da região de Síria (240), a *Didascalia dos Apóstolos* (DA), fala-se especificamente já das funções das mulheres diáconos, sometidas à mesma condição dos diáconos homens quanto à obediência ao bispo. É a importância do diaconato das mulheres que possivelmente viria a neutralizar o auge crescente que as viúvas iam adquirindo dentro das comunidades cristãs.<sup>25</sup>

## O DIACONATO DAS MULHERES NO SÉCULO IV

Enquanto o século III foi o século do “estabelecimento” do diaconato feminino, no IV se assiste ao seu maior crescimento eclesial, a ponto de considerá-lo “a idade de ouro do diaconato feminino”. No começo desse século, na região de Egito, o Documento “Os cânones eclesiásticos dos apóstolos” afirma que “uma boa diácona (*eudiákonos*) deve estar dedicada às mulheres enfermas” (cânone XXI). E no Concílio de Niceia (325) aparece pela primeira vez a palavra “diaconisa/diácona”, pois, até esse momento, no Oriente utilizava-se o genérico “diácono”: No cânone XIX diz: “respeito às diáconas, aquelas que foram examinadas e formalmen-

24 Cf. Phyllis ZAGANO. *Sábado Santo. Un argumento a favor de la restauración del diaconado femenino en la Iglesia católica*. Estela: EVD, 2018, p. 130-131.

25 ORÍGENES. *Comentário à Carta aos Romanos 16,2*.

te selecionadas, sendo que elas não têm a imposição das mãos, terão de ser contadas entre os membros do laicato”. Esta descrição disciplinar não supõe a proibição do diaconato feminino; pelo contrário, o manifesta e justifica.<sup>26</sup> Na realidade o que aqui proíbe é a admissão das diáconas ordenadas entre os seguidores de Paulo de Samósata, por “não haverem sido ordenadas devidamente”.<sup>27</sup>

Francamente, até as *Constituições Apostólicas*, documento da Síria (380), não teremos uma formulação explícita de ordenação de diáconas, em rito paralelo e análogo àquele dos diáconos. Aí fica estabelecido que as diáconas “sejam virgens e, se não, viúvas casadas uma só vez”.<sup>28</sup> Assim mesmo, no fim do século IV aparecem de modo habitual referências às diáconas na maioria dos escritores eclesiásticos, com a contribuição dos Padres da Igreja. É, pois, abundante a documentação colhida, sobretudo de Basílio de Cesareia, Gregório de Níssa e de Evágrio Póntico, por exemplo.

É significativo observar que neste tempo, segundo o testemunho de Epifânio,<sup>29</sup> as diáconas podiam até

---

26 Cf. Giuseppe ALBERIGO. *Les conciles oecuméniques*. II/1. *Les Décrets*.

27 Paulo de Samósata, cristão que viveu aproximadamente entre 200 e 275. Bispo de Antioquia (260-268 ou 267-270). Oriundo de Samósata, na Síria. Seu pensamento teológico foi cercado de controvérsias em virtude da acusação de adocionismo. Em linhas gerais, ele teria afirmado que Jesus Cristo nascera “meramente humano” e que depois, de alguma forma, teria sido divinizado no decorrer de seu ministério. Em pesquisas atuais, prefere-se afirmar que seu adocionismo foi bem mais evoluído do que de outros adeptos. Ele levou a sério as considerações sobre os Logos desenvolvidas a partir do século II.

28 Algo semelhante afirmará o *Testamento de nosso Senhor Jesus Cristo*, documento escrito na Ásia Menor um século depois, em 450. 29 Epifânio de Salamina (310/320, Eleuterópolis/Judeia, e morreu em 403, em naufrágio, caminho a Salamina). Bispo da cidade de Salamina e metropolitano da ilha de Chipre. Grande e vigoroso

celebrar a extrema-unção,<sup>30</sup> pois os presbíteros não podiam realizar o gesto da imposição das mãos a uma mulher doente. Assim ele se expressava: “Devido à modéstia feminina, pode ser que no momento do batismo ou ligado ao cuidado dos enfermos, ou talvez em qualquer outra ocasião onde o corpo feminino fique a descoberto ou nu, o presbítero delegara à diaconisa para que ela celebre em seu lugar, para salvaguardar o decoro e a discrição adequada à Igreja tanto quanto a lei o permita”.<sup>31</sup>

## DIACONATO DAS MULHERES NOS SÉCULOS V E VI

Já no fim do IV século, percebe-se paulatinamente a diminuição do número das diaconas. No entanto, as referências ao diaconato feminino persistem. Sem dúvida, João CRISÓSTOMO é o bispo que com maior frequência fala das diaconas em seus escritos de teor bíblico. Assim, comentando Romanos 16,1-2, escreve sobre Febe: “Olhem como [Paulo] a destaca de entre todas as demais [a Febe], já que a nomeia antes do que a nenhuma outra e a chama de ‘irmã’ [...] E se isto fosse pouco de nomeá-la irmã [...], a eleva em seu *status* chamando-a ‘diácono’”.<sup>32</sup> Noutro escrito dedicado a 1Timóteo 3,11, com acuidade exegética, diz:

Alguns apontam que [o apóstolo] fala das mulheres em geral. Mas, não é assim. Afinal, por que o autor vai dizer algo sobre as

---

defensor da ortodoxia cristã. É também conhecido por ter escrito um enorme compêndio de heresias que ameaçaram o cristianismo primitivo.

30 Hoje, por determinação do Concílio Vaticano II, este Sacramento se chama “Unção dos enfermos”.

31 Cf. DANIELOU. *Le ministère des femmes*. In: ZAGANO. *Sábado Santo*, nota 2, p. 159.

32 João CRISÓSTOMO. *Homilia 30 sobre a Carta aos Romanos 16,1-2*.

mulheres em geral à metade do texto? Parece melhor que esteja se referindo às mulheres que possuem a característica de diácono. “Os diáconos têm de ser esposos de uma só mulher”. Isto também se aplica às mulheres diácono [*diakonoi*], já que é preciso, apropriado e correto, especialmente na Igreja.<sup>33</sup>

O conhecido e polêmico monge bretão PELÁGIO,<sup>34</sup> durante o pontificado de Damaso (366-384), escreve em Roma um comentário à Carta de Paulo, onde explica Romanos 16,1: “Também hoje nas regiões orientais podem-se ver *mulheres diáconas* ministras no seu sexo [*diaconissae mulieres in suo sexo ministrae*]”. Ele afirma também que se trate de diáconas em 1Timóteo 3,11 e 5,9, onde se fala “em oriente das chamadas *diaconisas* [*diaconissas*]”.<sup>35</sup>

Enquanto na parte oriental da Igreja a presença de diáconas é inegável, na parte ocidental será escassa e as testemunhas que encontramos se direcionam ou a negar sua existência ou a proibi-la, como é o caso do concílio local de Nîmes (396), disposto a combater o priscilianismo.<sup>36</sup> Assim fala o cânone II, de sete, a res-33 João CRISÓSTOMO. *Homilia 11, sobre 1Timóteo 3,11*. A mesma interpretação é acolhida por outros comentaristas bíblicos da escola de Antioquia: Teodoreto de Ciro e Teodoro de Mopsuesta.

34 Pelágio (latim: *Pelagius*) nasceu provavelmente na Britânia em 350. Foi um monge ascético. Estabeleceu-se em Roma por volta de 405. Escreveu dois livros sobre o pecado, o livre-arbítrio e a graça: *Da natureza* e *Do livre-arbítrio*. Suas opiniões foram severamente criticadas por Agostinho e seu amigo Jerônimo. Foi inocentado das acusações de heresia pelo Sínodo de Dióspolis (Palestina, 415). Mas logo foi condenado como herege pelo bispo de Roma em 417-418 e pelo Primeiro Concílio de Éfeso em 431. Morreu por volta de 432. 35 Cf. Moira SCIMMI. *Le antiche diaconesse nella storiografia del XX secolo*. Milão: Glossa, 2004, p. 330-331.

36 O priscilianismo foi doutrina cristã pregada por Prisciliano, bispo da cidade de Ávila, Espanha, no século IV, com base nos ideais de austeridade e pobreza. Seu pensamento se espalhou pela Península Ibérica, Espanha romana, derivado de doutrinas gnóstico-maniqueístas. Mais tarde, Prisciliano foi considerado herege pela

peito das diáconas:

E também como foi assinalado de alguns que, contrariamente à disciplina apostólica – coisa inaudita até hoje –, acontecido não sei de que modo, mulheres elevadas ao ministério de diáconas [*in ministerium faeminae, nescio quo loco, leviticum adsuntae*], que não é admitido pela disciplina eclesiástica, mesmo que seria inconveniente que uma tal ordenação irregular seja anulada; é importante que se prove-a a que no futuro não aconteça coisa tão audaciosa assim.<sup>37</sup>

Assim, mais ou menos e no mesmo teor, aconteceu nos concílios de Orange (441), de Epaone (517) e no II de Orleans (552). Neste último, foi negada a benção diacanal pela “fragilidade da condição feminina”. Em alguns documentos, afirmava-se que as diáconas estavam associadas a grupos heréticos, como é o caso do Ambrosiaster, autor latino anônimo (fins do século IV-V).<sup>38</sup>

No entanto nos *Statuta Ecclesiae antiqua* (meados do século V), escrito por Gennadio de MARSIGLIA, acolhendo como fonte as *Constituições Apostólicas*, propõe confiar às viúvas e às monjas a missão de instruir as catecúmenas e prepará-las para o Batismo. Para isso, era preciso a ajuda das diáconas.<sup>39</sup>

---

Igreja Ortodoxa e, junto a outros companheiros, foi executado por uma instituição civil.

37 Texto latino traduzido ao francês em J. GAUDEMET. *Conciles galois du IV<sup>e</sup> siècle (Sources Chrétiennes 241)*. In: Monica SCIMMI. *Le antiche diaconesse nella storiografia del XX secolo*, nota 1, p. 335.

38 O Ambrosiaster ou pseudo-Ambrosio é o “anônimo” escritor de um comentário às epístolas de São Paulo: breve nas palavras, mas importante na matéria; valioso por sua crítica à versão latina do Novo Testamento. Este comentário foi erroneamente atribuído por muito tempo a Santo Ambrósio. O comentário foi escrito durante o papado de Dâmaso I (366-384 d.C.). É considerado um importante documento da versão latina do texto de Paulo antes da *Vulgata* de Jerônimo e também da interpretação de Paulo antes de Santo Agostinho.

39 Sobre esta assistência das diáconas existem ainda hoje opiniões divergentes.

De qualquer modo, seja pela proibição, seja pela afirmação, não há dúvida de que no Ocidente cristão havia diáconas neste período, embora em situação notavelmente minoritária e, em não poucos casos, violentamente perseguidas. É notório o caso da santa diácona Radegonda, na Gália (século VI). Ela, sendo jovem, foi raptada e forçada a se esposar com CLOTÁRIO I, rei dos francos.<sup>40</sup> Radegonda recebeu sólida instrução na corte régia e, depois de obter a separação do cruel marido, pediu ao bispo Medardo, de Noyon, ser “consagrada diácona mediante a imposição das mãos” (*manu superposita consecravit diaconam*). Tempo depois, ela fundou um mosteiro perto de Poitiers, para servir como diácona e mestra de espiritualidade.<sup>41</sup>

Além dos escritores eclesiásticos, entre os séculos V-VII, há uma numerosa legislação sobre as diáconas (διάκονον μή χειροτονείσθαι γυναίκα). No IV Concílio Ecumênico de Calcedônia (451),<sup>42</sup> região do Bósforo, no cânone XV, expõe normas sobre a idade das diáconas: “Não se ordene, sem diligente exame, diácona uma mulher com idade menor a 40 anos. Se for o caso, que ela já tenha recebido a imposição das mãos e haja exercitado por algum tempo o ministério, e ousasse contrair matrimônio, desprezando com isto a graça de Deus, *seja excomungada* junto àquele a quem ela se uniu”.<sup>43</sup> Por outra parte, o Concílio de Trullo ou Quinissexto (691, cânone XIV)<sup>44</sup> foca a idade mínima da 40 Chamado de “o Velho”, um dos quatro filhos de Clóvis I. Nasceu em Soissons.

41 Cf. Cristina SIMONELLI/Moira SCIMMI. *Donne diacono? La posta in gioco*, p. 68.

42 Este Concílio foi desenvolvido de modo muito representativo pela Igreja Oriental, com mais de 600 bispos; por parte de Ocidente, participaram apenas 5 bispos.

43 Monica SCIMMI. *Le antiche diaconesse nella storiografia del XX secolo* – nota 69, p. 193.

44 O Concílio de Trullo ou Quinissexto foi um concílio realizado

ordenação, passando dos sessenta anos aos quarenta. Também o *Código de Justiniano* trata da diáconas, mas no sentido de olhar para a “quantidade”, sobre seu estilo de vida comunitário e das obrigações ministeriais.

### *PROGRESSIVO DESAPARECIMENTO DO DIACONATO FEMININO: SÉCULOS VII A XII*

A partir do século VII, assistimos a um paulatino e sensível desaparecimento do diaconato feminino no Oriente. Até agora de importante presença, mas excluídas de um dos espaços eclesiais ocupados por elas: o âmbito litúrgico, sobretudo nas celebrações do Batismo e da Eucaristia, fez com que a sua importância decaísse. De igual modo, aconteceu no espaço monástico. No entanto, elas se manterão até o século XII. Esse processo se acentuará no Ocidente cristão, onde sua presença e atuação foram quantitativamente muito menores.

Por outra parte, no âmbito da liturgia oriental, a partir do século VII eliminou-se a unção de todo o corpo das mulheres batizadas, então as diáconas não foram mais necessárias para os batismos. Algo semelhante aconteceu em relação à eucaristia, pois as diáconas levavam a comunhão às mulheres doentes, ação pastoral que não teve continuidade a partir do século VII. No entanto, o bispo continuava a lhes impor a estola e lhes entregar o cálice, numa típica estratégia de lhes outorgar expressivo valor simbólico em troca da

---

em 692 d.C. em Constantinopla sob Justiniano II. Ele foi realizado na mesma sala onde ocorreram o Terceiro e o Quarto Concílios de Constantinopla – o sexto concílio ecumênico. Este concílio completou o que faltou ser aprovado nos anteriores; por isso o nome “Quinissexto”, ou seja, “Quinto-Sexto”. Compareceram 215 bispos, todos de Oriente e de Roma, o legado papal foi Basílio de Gortina.

redução do seu efetivo protagonismo diaconal.

A exclusão das diáconas das funções litúrgicas, especialmente do altar, será justificada posteriormente pela desacertada associação entre a “impureza” que ocasionava a menstruação e o nascimento dos filhos. Segundo Teodoro de BALSAMONE (1140-1200), diácono e canonista de Santa Sofia e, posteriormente, patriarca eleito de Antioquia, este era um “motivo forte” para suprimir as diáconas do seu ministério: “pelos cânones conhecemos que as diáconas têm acesso ao altar. No entanto, a ‘impureza de seus meses’ ou ‘a sujeira de sua menstruação’ [ἡ δὲ τῶν ἐμμήων κάκοσις] as afastou do divino e santo altar. A santíssima Igreja na Sé constantinopolitana escolhe diáconas, mas não lhes está permitido ter acesso ao altar”.<sup>45</sup>

Pode-se acrescentar, sem medo de exagerar, a sutil “concorrência dos homens ordenados”, dedicados às funções subsidiárias na liturgia, como o canto e o cuidado do iconostáseo,<sup>46</sup> funções que, aos poucos, contribuiriam sem dúvida para a eliminação das mulheres do altar. No entanto, mantendo-se na vida monástica e caritativa até o século XII, elas foram desaparecendo da maioria das Igrejas orientais; sobreviveram apenas, e de modo marginal, nas igrejas de culto maronita e armênio.

Na parte ocidental, valiosas testemunhas justificam

45 Cf. María José ARANA. *Recuperar el diaconado femenino en la Iglesia, hoy*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y diaconado*, p. 137; Teodoro BALSAMONE. *Responsa Theodoris Balsamonis ad interrogationes Marci, Patriarchae Alexandriae*. Migne, PG 138, col. 987 b.

46 Iconostásio = do grego antigo *εικονοστάσιον*. Nas igrejas cristãs do Oriente, é uma divisória ou biombo encimado por uma arquitrave, que separa a nave, onde ficam os fiéis, do santuário (presbitério), reservado ao clero. Decorado com imagens pictóricas dos santos (ícones), sustenta normalmente uma fileira de estátuas na trave superior.

cam a presença das diáconas, por exemplo, no *Sacramentario Hadrianum* (fim do século VIII),<sup>47</sup> e a última referência no *Pontifical Romano-germânico* do século X. Acho interessante observar a questão das diáconas na época medieval:<sup>48</sup> não obstante a reiterada proibição dos concílios merovíngios de ordenar mulheres, a questão será retomada pela Igreja carolíngia, onde, no concílio de Worms (867) confirma a validade do cânone XV de Calcedônia, reconhecendo para a mulher, que tivesse atingido os 40 anos, o “acesso ao diaconato”, prevendo, como apropriado para esse novo estado eclesial, a proibição de contrair matrimônio.

Finalizando o século X, um presbítero chamado Ambrósio pergunto a Atto, bispo de Vercelli,<sup>49</sup> sobre o significado das palavras “presbítero” e “diácona”. Deixo agora de lado a questão do termo presbítero para me focar no termo “diácona”. Atto responde: “Paulo

---

47 Carlo MAGNO (768-814) obteve do Papa Adriano I (786) um *Sacramentario* onde o rei apresentava como modelo para todos os bispos na Gália. Atualmente esse *Sacramentario* é atribuído a Gregório Magno, por isso foi conhecido como “O Gregoriano”. Nas pesquisas, é identificado como “O *Hadrianum*”, para distingui-lo de outro conhecido como o “*Proto-gregoriano*”. O interessante para os fins de nosso estudo é que nesse *Sacramentario* descrevesse detalhadamente o rito completo de ordenação de diáconos e de diáconas (site WIJNGAARD INSTITUTE. *The Hadrianum Sacramentary* – 786 a.D).

48 Cf. Claudio Ubaldo CORTONI. *La diaconissa nella chiesa latina medievale* (artigo cedido pela PUC-SP – gentileza do Sr. Fernando Altemeyer Junior).

49 Atto de Vercelli ou Atto II (885-961) foi bispo de Vercelli em 924. Durante seu mandato como bispo, ficou conhecido por sua dedicação ao bem-estar material e espiritual do rebanho. Atacou com vigor a corrupção eclesiástica. Durante seus 76 anos, escreveu muitos livros, entre eles o *Polypticum*, um tratado sobre a situação moral da Itália em sua época; *De pressuris ecclesiasticis*, ensaio sobre a autoridade eclesiástica. Conserva-se ainda uma pequena coleção de homilias. Atualmente, Vercelli é um município italiano da Região do Piemonte, província de Vercelli. Conta aproximadamente com 46 mil habitantes.

fala de Febe, diácona que está no ministério da Igreja [Romanos 16,1], e faz importante alusão a Febe diácona das origens eclesiais. [...] De onde se entende que então, não apenas os varões *como também as mulheres* presidiam as [estavam à frente das] Igrejas, isto é, para grande utilidade; realmente acreditamos que *as diáconas foram ministras [...], comparadas aos presbíteros*".<sup>50</sup>

Na *Collectio Canonum: V livro* (século XI), acolhendo como exemplo os Cânones do Sínodo de Laodicea [363], do *Codex Iustinianus* e as conhecidas considerações do cânone XV de Calcedônia,<sup>51</sup> reafirma-se a questão da idade canônica que dava acesso às mulheres ao diaconato, entre os 40 e 50 anos; o fato relevante é que a candidata não podia ser casada nem pela segunda vez, menos ainda tentar contrair matrimônio depois de ordenada.<sup>52</sup>

No século XII, a questão vem à tona no *Decretum Gratiani*,<sup>53</sup> quando elenca a idade canônica para aceder aos vários ministérios: o presbítero, o diácono, o subdiácono e o leitor, acrescenta: “não venham consagrados entre as diáconas da sacrossanta Igreja, aquelas que não tenham atingido os 40 anos, e que não tenham ‘contra-

---

50 Cf. ARANA. *Recuperar el diaconado femenino en la Iglesia, hoy* – notas 2 e 3, p. 136.

51 Cf. *Collectio canonum in V libris* (liber 2,198,1): “De ordinatione diaconissae”: Ex concilio Laodicensi. Diaconissa ante XL annum aetatis merito non ordinetur. Et si post ordinationem maritum acceperit, anathema sit. DE DIACONISSIS. Iustinianus rex. Diaconissas autem creari constitutio praecepit L annorum aetatem agentes ita tamen ut uirgines sint uel si unum tantummodo maritum habuerint [...] (M. Fornasari, 1970).

52 *Collectio canonum in V libris* – liber 2,66,3 (M. Fornasari, 1970).

53 O Decreto de Graciano = *Decretum Gratiani*, é uma obra de direito canônico que compila a totalidade das normas canônicas existentes desde os séculos anteriores, muitas delas contraditórias entre si. Seu autor foi o monge e jurista Graciano, que o redigiu entre 1140 e 1142.

ido segundo matrimônio”<sup>54</sup>. O texto sugere uma completa sobreposição das diáconas à ordem das viúvas, no que diz respeito à idade e à proibição de contrair matrimônio depois da ordenação. Sobre as funções diaconais, nada se prescreve. Um dado interessante é que no mesmo cânone se coloca na consideração tudo o que diz respeito aos outros ministérios ordenados.

Nesse decreto encontra-se o particular exemplo da “pecadora Maria Madalena”,<sup>55</sup> que depois da sua conversão viveu santa e casta e que aparece enumerada entre as diáconas. Sua descrição é colocada depois de considerados os casos, entre os quais contamos a simo-54 *Decretum magistri Gratiani* (Concordia discordantium canonum) (p. 1, d.78, c.2): “Nemo presbiter consecratur, qui minor triginta annis sit; nemo diaconus uel subdiaconus fiat, qui minor uigintiquinque annis sit; nemo lectoribus connumeretur, qui minor decem et octo annis fuerit; nemo inter diaconissas consecratur sacrosanctae ecclesiae, que minor sit quadraginta annis, uel ad secundum matrimonium peruenerit” (E. Friedberg, 1879 = Corpus iuris canonici - pars prior, 1055, 23).

55 Hoje, graças a uma exegese precisa sobre a vida de Maria de Magdala, sabe-se que, muito pelo contrário, ao que se fala de que Maria seria uma “adúltera e prostituta”, foi fervorosa colaboradora entre os seguidores de Jesus nos primórdios do cristianismo. Pode-se afirmar que ela foi a discípula predileta e verdadeira apóstola de seus apóstolos (nada ver com a “desfigurada” referência hollywoodiana). Curada de “gravíssima doença”, que o evangelho demonstra dizendo que Jesus “tinha expulsado 7 demônios” – *Marcos* 16,9-11, e convertida ao discipulado. Magdala situa-se ao norte da cidade de Safira, no litoral noroeste do lago de Genesaré, a 12 km ao sudoeste de Cafarnaum. Aí nasceu Maria Madalena; isto é, Maria de Magdala. A palavra “Magdala” significa “Torre”, e o nome primitivo talvez fosse *Magdal-El* = “Torre de Deus”. Outros preferem *Migdal Nunaya*, que significa = “Torre dos peixes”, porque coincidiria com a Tariqueia de Flávio Josefo, já que em grego “Tariqueia” significa *pesca salgada*. (Lucia ARRUDA. *Mulheres na vida de Jesus. A história das primeiras discípulas*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 16; Evaristo ARNS e outros. *Mulheres da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 245-250; Fátima Maria C. Rocha de MOURA. *Maria Madalena, a discípula amada*. São Leopoldo: CEBI, 2013; Carlo Maria MARTINI. *Maria Magdalena*. Maliaño: Sal Terrae, 2018; Guillermo D. MICHELETTI. *Maria Madalena. Apóstola dos Apóstolos. Uma vida a descobrir*. Aparecida: Santuário, 2022.)

nia, onde o bispo, o presbítero e o diácono, se caírem nessa corrupção moral, não poderão ser achados dignos de ser enumerados entre aqueles que tenham recebido o sacerdócio. É interessante notar o paralelo entre a “pecadora convertida”, e logo admitida entre a fileira das diáconas, e o “paralelo” entre o ministro ordenado e a sua eventual indignidade no sacerdócio por causa da simonia ou outras causas.<sup>56</sup>

Portanto, certamente existiram diáconas tanto na Igreja oriental como na ocidental, embora em número desigual. Sua presença foi significativa desde o começo do cristianismo: com muita probabilidade, no Ocidente até o século X; no Oriente até o XII.

## DIÁCONAS QUE SE DESTACARAM NO SERVIÇO À IGREJA

### OLÍMPIA, EM PARTICULAR

**D**e abundante documentação colhida, especialmente das inúmeras cartas de São João CRISÓSTOMO (no mínimo 17),<sup>57</sup> é conhecida a existência de não poucas diáconas a serviço das igrejas locais: Amproukla, Pentadia e, muito especialmente, Olímpia.

O que se conhece da vida da diácona Olímpia? Olímpia foi uma mulher rica e erudita, casada com o prefeito NEBRIDIO, de quem enviuvou logo. Decidiu-  
56 *Decretum magistri Gratiani* (Concordia discordantium canonum, p. 1, d. 78, c. 2; E. Friedberg, 1879 = Corpus iuris canonici - pars prior, 1055, 23).

57 Os estudiosos dessa correspondência enumeram como mínimo 17. Ver o detalhe da correspondência com as prováveis datas: Moira SCIMMI. *Le antiche diaconesse nella storiografia del XX secolo*. Milão: Glossa, 2004, p. 306; —. *El diaconado femenino y Olímpia, diaconisa de Constantinopla*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y diaconado*, p. 87-108.

-se então levar uma vida pobre e ascética. Aos 30 anos, foi excepcionalmente ordenada diácona pelo bispo Nectário, pois normalmente as ordenações diaconais de mulheres acontecia entre os 40 e 60 anos de idade.<sup>58</sup>

São João CRISÓSTOMO manteve com Olímpia uma estreita relação. Ela chegará a ser sua principal colaboradora, praticamente sua secretária, durante os anos de episcopado em Constantinopla e quando foi exilado. Recebeu de Crisóstomo encargos relevantes, entre eles a de mediação perante os representantes do clero.<sup>59</sup> Em certa ocasião, acompanhou o santo bispo no primeiro exílio (403), quando Crisóstomo foi banido da cátedra episcopal por instigação de Eudóxia, mulher do imperador ARCÁDIO.

Muitos detalhes da vida de Olímpia como diácona são narrados nos livros *Vida de Olímpia* (anônimo), *Diálogo sobre a vida de João Crisóstomo* e *História lausíaca* (Paládio). Este último livro fala explicitamente do “ser diaconal” de Olímpia: “companheira e diáconos da santa Igreja católica e apostólica de Deus. Aqui o termo *diákonos* é atribuído de forma ‘técnica eclesial’; isto é, verdadeiramente ordenada diácono pela vontade de Deus”.

Em *Iambi as Seleucum*, de Anfilóquio de Icônio, tratado de moral em forma poética (posterior ao 381), também Olímpia é elogiada. No fim do poema, lemos: “Saúda a Olímpia, tua tia materna, uma imagem vivente de dignidade, castidade e ascetismo, uma garantia

58 Cf. Moira SCIMMI. *El diaconado femenino y Olimpia, diaconia de Constantinopla*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y diaconado*. Estella: EVD, 2019, p. 87-108.

59 Cf. Fernando Rivas REBAQUE. *Vidas paralelas: (Olímpia: c.360-410) e Pulqueria (399-453). Auctoritas versus potestas*. In: Carmen Bernabé (ed.), *Mujeres con autoridad en el cristianismo antiguo*. Estella: Verbo Divino, 2007, p. 128-162.

da fé”.

A correspondência que João Crisóstomo teve com Olímpia no último exílio acontecida entre 404-405 até 407, quando faleceu, fornece 17 cartas enviadas à Olímpia e às quais ela nunca respondeu. Percebe-se que a saudação inicial de Crisóstomo era muito respeitosa: “A minha senhora, a *reverendíssima* *diácona* [θεοφιλεστάτη διακόνω] venerável e amada de Deus, saudações no Senhor, Olímpia”. Entre as virtudes que Crisóstomo elogia da diácona Olímpia, além da hospitalidade está a inteligência [*sýnesis* = σύνεσις], entendida como “inteligência no serviço pastoral” para resolver delicados problemas da Igreja em Constantinopla. Os temas recorrentes das cartas são a tristeza, o desânimo e a depressão causados pela dolorosa situação que os dois viviam.<sup>60</sup>

De todo o ministério diaconal de Olímpia, colhemos alguns dados. Primeiro, a diaconia de Olímpia ficou estreitamente ligada ao ministério do bispo CRISÓSTOMO. Olímpia resolveu muitos problemas entre as igrejas e cuidava também da saúde do bispo, muito fragilizada pelos frequentes exílios. Segundo, ela exercia extremada caridade entre as mulheres, sabendo das situações de sofrimento, abuso e abandono; acolhia mulheres solteiras: catequizava-as, ajudava e compartilhava com elas a sua vida ascética no mosteiro onde morava, ao lado da casa episcopal. Terceiro, sua dedicação aos pobres era magnânima, atitude que lhe valeu o reconhecimento como “companheira e servidora dos indigentes”. Ela, após a morte do marido, entregou sua

---

60 Cf. Lisa CREMASCHI. *La vita spirituale come cammino pasquale nell'esperienza di alcune monache del mondo antico*. In: Moira SCIMMI. *El diaconado feminino*: CANO/VARELA. *Mujeres y diaconado*, nota 19, p. 98.

herança (ao que parece, não era insignificante) ao bispo João Crisóstomo para que soubesse administrá-la no cuidado dos pobres. Sabemos da sensibilidade que pelos pobres tinha este grande bispo e doutor da Igreja. A ele devemos a expressão: “Toda vez que vedes um pobre [...] recordai-vos que sob os vossos olhos tendes um altar onde podes servir ao Senhor”.<sup>61</sup>

### OUTRAS DIÁCONAS DISTINGUIDAS

Pode-se acrescentar, apoiado em documentação e pesquisa epigráfica, muitas outras distinguidas mulheres diáconas. Em História eclesiástica, SOZOMENO conta que a diácona Matrona de Coslo, em Cilícia, pertencente à seita dos macedonianos<sup>62</sup>, foi “higumena” (mãe superiora, líder, guia) de uma pequena comunidade de virgens, levando uma vida santa e sábia. Cita as diáconas Olímpia, Nectárea de Armênia e Eusébia de Constantinopla.<sup>63</sup> Ao mesmo tempo, comenta a legislação de Teodósio I, do ano 390, onde decretava “que não se permitirá às mulheres entrar no ministério diaconal de Deus a não ser que já tivessem filhos e, atingido sessenta anos, segundo o preceito de Paulo (1Timóteo 5,9)”.

O mesmo ocorre com as diáconas Cívica em Tabarka (séculos IV-V) e Palumba, em Atripalda (séculos

61 João CRISÓSTOMO. *Commento alla Seconda Lettera ai Corinti* 20,3.

62 Os macedonianos, membros de uma seita cujo fundador seria Macedônio, patriarca de Constantinopla entre 342-346/351-360. O grupo aparece mencionado por São Jerônimo em 380. Ao mesmo tempo, São Damaso os declarava hereges em 383-384. A origem possui raízes no arrianismo. Agostinho, no 428, identifica os macedonianos como os pneumatômacos. O nome de “macedonianos” foi popularmente divulgado em Constantinopla (380-384).

63 Cf. Sozomeno. História eclesiástica 4,24 e 9,2.

V-VI), Teodora, em Pávia (séculos V-VI) e Anna, em Roma (século VI).<sup>64</sup>

Mais adiante, em meados do século V, o teólogo e biblista Teodoreto de Ciro escreveu uma série de cartas dirigidas às diáconas Axia, Casiana, Celerina (importante diácona de Constantinopla) e a uma diácona anônima.<sup>65</sup> Com São Basílio temos a referência das “filhas de Terentius”. Também Macrina, irmã de Gregório de Nissa e suas amigas: Lampadia; Teosébia, esposa de São Gregório (?); Eufêmia, esposa de Sérgio, arcebispo de Ravena (753), Elisantia, Martíria e Paládia, ordenadas pelo bispo Nectário, juntamente com Olímpia. Sabiniana, tia de João Crisóstomo, Martana, Anastásia, Valeriana e Jânia, que mantinham correspondência com Severo de Antioquia. Assim mesmo, destaca-se a diácona Públia, da Igreja de Antioquia, que dirigia com maestria um coral de juvenzinhas. Teodoreto confessa que em não poucas ocasiões teve que se opor à feroz tirania do imperador que ultrajava aquela “venerável anciã diácona”.<sup>66</sup>

## O MINISTÉRIO CONCRETO DAS DIÁCONAS

Entre as atividades pouco conhecidas dos membros das primeiras comunidades, especialmente no que diz respeito à sua estrutura ministerial, deve-se destacar a figura da mulher, não poucas vezes escondida pelo acentuado patriarcalismo social e eclesial. Assim aconteceu também tanto com os diáconos quanto com

---

64 Cf. Idem, p. 190.

65 Cf. Teodoreto de Ciro. *Cartas* 17 y 101; e *História eclesiástica* 3,14.

66 Cf. SCIMMI. *Una lectura a la par con los tiempos de las fuentes sobre las diáconas*, p. 202; Rosa MENTXAKA. *Las diaconisas a la luz de algunas constituciones imperiales de la Antigüedad tardía*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y diaconado*, nota 44, p. 64.

as diáconas.<sup>67</sup>

Há um melhor panorama a partir de meados do século III, quando, num documento canônico da região de Síria, chamado *A Didascalia Apostolorum* (DA), as diáconas aparecem relacionadas com o Espírito Santo, pois as mulheres diáconos devem ser “honradas como [figura] do Espírito”,<sup>68</sup> associação permitida pelo gênero feminino da palavra Espírito (a Ruah) nas línguas semíticas. Curiosamente, a DA entende a diaconia como “uma só alma em dois corpos”;<sup>69</sup> isto é, um só diaconato constituído de homens e mulheres.

Para ilustrar, apresenta-se um quadro com as funções dos diáconos e das diáconas, onde percebem-se algumas diferenças<sup>70</sup>:

---

67 Cf. Algumas referências em: Eduardo ARENS. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João. Aspectos socioeconômicos para a compreensão do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 75-79; Juan Antonio ESTRADA. *Para compreender como surgiu a Igreja*, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 507-512.

68 *Didascália dos Apóstolos* (DA) 9,26,6. Agora, para os diáconos se encontra um vínculo com a pessoa de Jesus Cristo desde Ignacio de Antioquia. *Carta aos tralianos* 3,1.

69 “É preciso que cada um [diáconos varões e mulheres] conheçam a sua missão e se apliquem a cumpri-la; conheçam até onde vai o ministério da diaconia, tendo com o bispo o mesmo sentir e o mesmo anseio apostólico, como dos corpos que ‘possuem a mesma alma’” (DA 16,13,2).

70 Cf. Fernando Rivas REBAQUE. *Diaconado de las mujeres en el cristianismo primitivo*. In: CANO/VARELA. *Mujeres y diaconado*. Estella: EVD, 2019, p. 114.

<b>Diaconos</b>	<b>Diaconas</b>
São figuras de Cristo (DA 9, 26,5).	São figuras do Espírito Santo (DA 9,26,6).
Escolhidos pelo bispo “para se ocupar de muitas coisas necessárias” (DA 3, 12,1).	Escolhidas pelo bispo “para o serviço das mulheres” (DA 3,12,1).
Administram os bens da comunidade em nome do bispo e são sustentados pelos bens da comunidade (DA 8,25,8; 9,27,2).	
São “os ouvidos e a boca do bispo”: os fiéis devem conversar com eles antes de falar com o bispo (DA 9,28,4,6; 11,44,3-4).	As mulheres devem falar primeiro com as diaconas para aceder ao bispo (DA 3,12,1-4 e 9,6).
Um diácono vigia a entrada da sala de reuniões, enquanto outro assiste ao bispo na oferenda eucarística (DA 12,57,6-58,1,5;15,10,8).	Se encarregam de organizar o lugar das mulheres nas assembleias litúrgicas (DA 12,14), mas não podem ajudar o bispo na oferenda eucarística (DA 15,9,1).
Ajudam o bispo nos batizados dos homens (DA 16,1).	Ajudam ao bispo na unção das mulheres com óleo na celebração dos batismos (DA 16,12,2,3), no entanto elas não podem celebrar o batismo, a não ser delegadas (DA 12,1-4,15). Levam a sagrada comunhão às mulheres enfermas.
	Catequizam as mulheres neófitas após o batismo (DA 16, 4).
Se encarregam dos necessitados (DA 17).	Visitam a casas de mulheres cristãs ou pagãs e as ajudam caso estejam doentes ou abandonadas (DA 16,12,4; 13,1).
Têm importante papel na oração da paz na eucaristia (DA 11, 54,1).	

A novidade que apresenta a DA frente a textos anteriores é a importância que as diaconas adquiriram nas funções litúrgicas sobretudo no batismo de mulheres e catequéticas, sempre respeitando uma ordem: não podiam doutrinar as mulheres em certos temas teológicos complexos;<sup>71</sup> reservados ao bispo, ao presbítero

71 Cf. DA 15, 6,1-3.

ou ao diácono.

A história salienta que a aparição de diáconas na Síria foi por motivos de decência e pudor, pois numa cultura que pregava estrita separação dos sexos procuravam ter extremos cuidados com o pudor das mulheres catecúmenas, as que, ao aceder ao batismo, ficavam totalmente nuas. Segundo o que refere a *Didascalia siríaca*, as mulheres diáconas participavam da unção com a crisma em todo o corpo da neobatizada, costume já conhecido e praticado pelas comunidades da região.

Nos Atos de Judas, Tomás conta que no batismo de Migdonia foi vertido o óleo da crisma sobre a cabeça da mulher para “curar as feridas do passado”. Depois, a ama de leite Narchia ungia o corpo todo de Migdonia e a vestia primeiramente com uma túnica branca cingida à cintura; depois com um traje branco, sinal da original novidade criatural em Cristo.

A participação das diáconas no batismo das mulheres constituiu uma contribuição importante para as igrejas. No entanto, esta não foi a única função das diáconas no Oriente, pois elas também participavam na acolhida aos pobres, no cuidado especial das mulheres doentes e na instrução das mulheres rudes nas regiões rurais, para se prepararem para o batismo.<sup>72</sup>

Um século e meio depois, segundo as *Constituições Apostólicas* (CAp) as diáconas serão relegadas das funções litúrgicas,<sup>73</sup> embora ainda mantendo seu papel nas

---

72 Em documentos antigos, que remontam ao século VI, há uma minuciosa descrição da forma de serem batizadas as mulheres, para que o celebrante “não veja a nudez da mulher” quando não é possível a colaboração das diáconas, escolhidas de um grupo de jovens chamadas “filhas da aliança” (cf. *Idem*, p. 194-197).

73 Cf. CAp III, 9,1-2.

assembleias da comunidade.<sup>74</sup> Por outra parte, foi-se ampliando o ministério caritativo a “serviço das mulheres”<sup>75</sup> e, em ocasiões, de intermediação com o bispo. Embora seguem representando o Espírito Santo, não podem seguir agindo “sem a presença do diácono”<sup>76</sup> porque “a diácona não abençoa e não faz nada do que os presbíteros e diáconos podem fazer; ela cuida das portas e assiste aos presbíteros no batismo das mulheres em nome da decência”.<sup>77</sup>

Agora, como acenavam as Cap, da união em “dois corpos e uma alma”, se referindo à união fraterna do ministério diaconal feminino e masculino, ficou apenas um: o do diaconato masculino. Não se expulsa a mulher diácono, mas sua presença vai se restringindo e marginalizando, ficando apenas para atender mulheres pobres e evitar indelicadezas pouco adequadas à condição clerical dos varões. A proibição de dar a comunhão às mulheres enfermas e seu afastamento do altar nos séculos VIII e IX manifestaria “o paulatino agonizar do ministério”, situação que já se percebia no fim do século IV.

No entanto, a meados deste mesmo século abriu-se um campo absolutamente inovador para as diáconas: o monacato feminino. Tanto em funções de superiores, como nas relacionadas à liturgia – leitura das Escrituras, cantos, presidência das celebrações. Tão importante foi esse ministério que, em ocasiões, as abadesas foram designadas como “diáconas”. Esta foi a última função reservada às diáconas na Igreja oriental antes de sua definitiva desaparecimento.

---

74 Cf. —, II, 57, 10.

75 —, III, 16, 1.

76 —, II, 26, 6.

77 —, VIII, 28, 6.

De modo sistemático, enumero as múltiplas atividades exercidas pelas diáconas ao longo dos séculos:

1. Ajudar nos batismos de mulheres, unguindo o seu corpo com o óleo da unção pós-batismal.
2. Educar crianças e catequizar mulheres socialmente pobres.
3. Trabalho caridoso em benefício das mulheres, especialmente as abandonadas pelos maridos.
4. Visitar as mulheres doentes nos domicílios.
5. Acolher pessoas doentes.
6. Dirigir o coro de juvenzinhas.
7. Conselheiras espirituais nos mosteiros.
8. Cuidar de viúvas, especialmente as doentes e abandonadas.
9. Lavar os pés de muitos “santos”, cristãos hospedados. Este gesto não será apenas um gesto de hospitalidade, pois, na Igreja ocidental, após o século III, assinala também o rito de perdão dos pecados complementar ao Batismo.
10. Repartir o pão aos necessitados e miseráveis.
11. Assistência material e moral, protetora dos vulneráveis.
12. Oferecer a própria casa para reuniões das pequenas comunidades.
13. A pedido do bispo, realizavam papel mediador em conflitos entre os presbíteros. Sa-

bemos desta missão encomendada à diácona Olímpia por parte de João Crisóstomo em Constantinopla.

14. Ter uma “casa de acolhida diaconal” (diácona Olímpia).

## FORAM AS DIÁCONAS ORDENADAS SACRAMENTALMENTE?

Existem acaloradas discussões ainda hoje sobre a existência ou não da ministerialidade sacramental do “serviço diaconal” das mulheres nos primeiros tempos da Igreja. Destacaremos o que assinalam algumas fontes a respeito. Certamente, nas *Constituições apostólicas*<sup>78</sup> encontraremos “pela primeira vez e de modo explícito um rito completo de ordenação de diáconas”, que, na prática, era cópia calcada do rito de ordenação diaconal dos homens. Assim diz este documento, dirigindo-se ao bispo:

Tu bispo, lhe imporás as mãos sobre [a candidata] em presença dos presbíteros e dos diáconos e diáconas, e dirás: “Ó Deus eterno, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Criador de homens e mulheres, que enchestes com o Espírito a Miriam e Débora e Ana e Julda, que não julgastes indigno que teu Unigênito nascesse de uma mulher, que na tenda do testemunho e no templo instituístes [*procheirisáme-*

---

<sup>78</sup> As *Constituições Apostólicas* (ou *Constituições dos Santos Apóstolos*) é uma coleção de oito tratados cristãos do gênero das “Ordens cristãs”. A obra é datada aproximadamente entre 375-380 d.C.; provavelmente originada na Síria/Antioquia. De autor desconhecido, provavelmente do bispo eunomiano Juliano de Cilícia, segundo pesquisas de James Ussher. (Cf. <https://pt.wikipedia.org>). Os eunomeanos, também conhecidos por heterusianos, pertenciam a uma seita arriana do século IV, seguidores de Eunómio, bispo de Cízico, que afirmava ser Jesus, o Filho, de uma natureza diferente e de forma nenhuma semelhante ao Pai. Foi uma forma extrema de arrianismo.

nos]<sup>79</sup> as guardiães de vossas santas portas<sup>80</sup>, olhai agora para vossa serva que vai a ser instituída [*procheiritsoménên*] para o diaconato [*diakonían*] e concedei-lhe o Espírito Santo e ‘purificai-a de toda indecência da carne e do espírito’,<sup>81</sup> em modo a preencher dignamente a obra que lhe foi confiada e que posa levá-la a termo dignamente, por meio do qual a Vós rendemos glória e adoração no Espírito Santo por todos os séculos”.<sup>82</sup>

Como dado curioso, que vem a reforçar a afirmativa de estarmos diante de uma “verdadeira ordenação sacramental” segundo os cânones daquele tempo, percebe-se que na ordenação da diácona acontece tudo como “manda o figurino”, diante do altar, como as costumeiras ordenações episcopais, presbiterais e diaconais. Pelo contrário, quando eram “instituídos” os subdiáconos e os leitores, os presbíteros não estavam presentes na cerimônia, e nem acontecia na frente do altar.<sup>83</sup>

Como observamos, de igual modo que os bispos, presbíteros e diáconos, as diáconas recebem a imposi-

---

79 *ProXeirísámenos* (do verbo *προχειρίζω* = estender a mão para eleger/autorizar a um cargo) propriamente “imposição das mãos”; termo técnico utilizado para a ordenação ministerial.

80 Cf. Êxodo 28, 8 e 1Samuel 2, 22.

81 2Coríntios 7, 1.

82 CAP. Cap. VIII, 19, 2-20, 2. Cristina SIMONELLI/Moira SCIMMI. *Donne diacono? La posta in gioco*. Pádua: Edizioni Messaggero Padova, 2016, p. 92-93 – nota 2. Texto grego traduzido em francês aos cuidados de Marcel METZGER – *Sources Chrétiennes* 336. Éditions du Cerf, 1987, p. 220-223, grifo meu.

83 Apenas como referência: Martimor diz que ainda hoje a proximidade física ao altar é também proximidade espiritual, fazendo nascer, como possibilidade, o desejo de a mulher aceder ao sacerdócio ministerial. Por último, depois de ter reclamado amplos espaços abertos às mulheres nas celebrações, Martimor insinua que admitir mulheres ao serviço do altar significaria reacender a paixão ao redor da questão do ministério feminino (cf. Monica SCIMMI. *Le antiche diaconesse nella storiografia del XX secolo*, nota 1, p. 59).

ção das mãos para lhes conferir o Espírito Santo, para se constituírem parte do clero, recebendo os privilégios civis e eclesiásticos que aquela condição lhes outorgava. Assim sendo, as diáconas são nomeadas e colocadas “hierarquicamente” acima dos subdiáconos, das virgens e das viúvas, que não podiam ser ordenadas “com imposição de mãos”, mas apenas “abençoadas”.<sup>84</sup>

Uma simples observação: deve-se admitir que não deixa de ser no mínimo surpreendente a dupla medida ou o duplo critério utilizado no momento de avaliar as questões relacionadas aos diáconos homens e às diáconas. Na pesquisa histórica, um idêntico dado é interpretado de maneira totalmente diferente em se tratando de homens e de mulheres, dados que são aceitos tranquilamente para os homens, são questionados e, por vezes, de modo radical quando aplicados às mulheres.

O Concílio Ecumênico de Calcedônia (451), com a participação de 600 padres conciliares, e o mais representativo das igrejas orientais, faz referência à instituição de diáconas. Assim o cânone 15 refere-se diretamente à sua instituição:

Não se ordene diácono uma mulher antes dos 40 anos, e não sem um diligente exame prévio. Se for o caso de que, depois de haver recebido a imposição das mãos e haver exercido durante certo tempo o ministério, ousara contrair matrimônio, desprezando assim a

84 Cf. CAp VIII, 16, 2; 23-26: a expressão *epithênai tèn jeíra* = “impor a mãos”, frente ao habitual *Cheirotoneîn* = “ordenar”, não supõe uma mudança em seu sentido porque esta imposição de mãos está acompanhada pela invocação do Espírito para a “instituição ao diaconato”, ritualidade que não acontece no caso das virgens, as viúvas e os exorcistas. É preciso diferenciar este *Cheirotoneîn* = “ordenar”, da ação de abençoar = *Cheriothesía*, realizada pelos sacerdotes no caso dos catecúmenos ou na reintegração dos penitentes (cf. CAp II, 32, 3; 18, 7; VII, 39, 4).

graça de Deus, seja excomungada junto com aquele a quem se uniu.<sup>85</sup>

O texto conciliar pressupõe como “algo conhecido/normal” que as diáconas recebiam a ordenação (*Cheirotonia*), definida também como graça divina, em vista do exercício de um ministério (*leiturgia*).

No século VI, o imperador Justiniano (527-562 d.C.) se ocupa detalhadamente das diáconas. Ele relaciona intimamente o ministério diaconal das mulheres ao serviço dos batizados e às “funções arcanas” (eucaristia). Quando faz referência ao ministério diaconal exercido pelas mulheres, observa a existência de dois tipos: as diáconas das “igrejas” e as ordenadas “a serviço dos mosteiros”. Falando das diáconas das igrejas, oferece precisas determinações quanto ao número de ordenações, à modalidade das ordenações, às funções nas celebrações dos ministérios e ao sustento previsto. Isto demonstra a existência corriqueira de diáconas.

Por isso, na Igreja do Oriente se detecta a existência de um ministério diaconal feminino instituído “oficialmente”. No Concílio de Niceia (325), os padres conciliares da Ásia, do Ponto, da Síria e da Palestina trataram de um problema surgido por causa das funções das diáconas adeptas do paulinismo<sup>86</sup> e do coliridianis-

85 Giuseppe ALBERIGO. Referência a nota 13. In: SCIMMI. *Una lectura a la par con los tiempos de las fuentes sobre las diáconas*, p. 197.

86 Paulinismo é usado para se referir a um ramo do cristianismo primitivo associado com os ensinamentos defendidos por Paulo de Tarso. A maioria do cristianismo ortodoxo depende fortemente destes ensinamentos e os considera como ampliações e explicações sobre os ensinamentos de Jesus. Outros sustentam que os escritos de Paulo eram ensinamentos radicalmente diferentes dos ensinamentos originais de Jesus, documentados nos evangelhos canônicos, no início de Atos dos Apóstolos e no restante do Novo Testamento. Esta questão continua a ser estudada por teólogos modernos (cf. José M. CASTILLO. *A humanidade de Jesus*. Petrópolis:

mo.<sup>87</sup> Pelo tom das conversas, os padres conciliares estavam por dentro do problema e sabiam muito bem do que se tratava, sobretudo quanto às exigências e aos requisitos básicos para que uma mulher fosse ordenada.

Quando se reflete sobre a questão da ordenação de mulheres nos primeiros anos de cristianismo, deve-se esclarecer que, ao falarmos de “ordenação”, não podemos nos apoiar na formação como evoluiu historicamente até a forma canônica atual. Na Igreja primitiva, o elemento essencial consistia no fato de que a ordenação conferia aos batizados uma “nova missão” a serviço da Igreja, escolhidos para tal missão. Não significava um poder pessoalmente possuído, mas a participação num grupo (colégio) e, portanto, a contribuição num coletivo que visava à construção da comunidade.<sup>88</sup> Essa “ordenação” acontecia, segundo o que atestam os costumes primitivos, mediante a imposição das mãos e a oração presidida pelo bispo, ritualidade que manifestava a continuidade das formas judaicas da instituição para cargos nas sinagogas.<sup>89</sup>

---

Vozes, 2016; Jesús ESPEJA. *Jesucristo. La invención del diálogo*. Pamplona: Verbo Divino, 2001; Rinaldo FABRIS. *Para ler Paulo*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 144-145).

87 O corilidianismo era um movimento cristão obscuro, herético. Seus adeptos, de certa maneira, “adoravam a Maria” como a uma deusa. A principal fonte de informação a respeito é de Epifânio de Salamina (320-403 d.C). Bispo de Salamina e metropolitano de Chipre no fim do século IV, ganhou reputação como forte defensor da ortodoxia cristã. Ele faz referência a este grupo em sua obra *Panarion* (375 d.C.). Afirma que algumas mulheres sauditas, em parte pagãs, numa atitude sincretista, misturavam algumas crenças regionais com o culto de Maria, oferecendo-lhe, a modo de veneração, bolos e pães. Pouco se sabe da origem do corilidianismo. Provavelmente provém da Trácia e Cítia. Alguns estudiosos afirmam que o corilidianismo, paralelo ao cristianismo, foi fundado pela primeira geração de seguidores da Virgem Maria, cujas doutrinas foram mais tarde acolhidas em parte pela Igreja no Concílio de Éfeso (432). Sobre a questão, as pesquisas continuam.

88 Cf. Yves CONGAR. *Ministères et communion ecclesiale*.

89 Explicações mais detalhadas em Francisco TABORDA. *A Igreja*

Nas ordenações existiam duas formas de formulação. Uma, no sentido forte, institucional, chamada “*Cheirotonía*” (Χειροτονία = ação com as mãos elevadas) = ordenação; e outra, em sentido amplo, como “uma bênção para instituir”, chamada “*Cheirothêsia*”, para graus inferiores. Alguns estudiosos referem que a ordenação das mulheres responde a este segundo nível. No entanto, há sólidas referências de um ritual completo “oficial” de ordenação para uma diácona. Esse ritual é descrito no manuscrito “*L’Eucológio Barberini*” (século VIII), onde o bispo, de mãos estendidas, diz:

Deus santo e onipotente, no nascimento do teu Filho unigênito e nosso Deus segundo a carne de Maria Virgem; tu que santificaste a mulher, e não somente os homens, mas também às mulheres doaste a graça e a efusão do teu Espírito Santo; tu também, agora, Senhor, olha para tua serva, e chama-a à obra do teu ministério, e manda sobre ela o rico dom do teu Espírito, conservando-a na fé autêntica, para que leve a cumprimento o teu serviço com uma conduta irrepreensível, segundo tudo o que seja do teu agrado. Porque só a ti é reservada toda glória, honra [...]

Soberano Senhor, que não rejeitas às mulheres que se dedicam por iniciativa própria a servir, na forma devida, em tuas Santas Igrejas, mas as recebes na ordem dos ministros; dá-lhe a graça do teu Espírito Santo também a esta tua serva que deseja dedicar-se e cumprir o ministério do diaconato, do mesmo modo como deste a Febe, chamada ao ofício do ministério, a graça de servir-te; concede-lhe, ó Deus, de perseverar sem culpa em teus santos templos, de ser solícita em sua própria conduta, particularmente na continência, e conduzi-la à perfeição, de modo que, apresentando-se dian-

---

*e seus ministros. Uma teologia do ministério ordenado.* São Paulo: Paulus, 2011, p. 19-26.

te do tribunal do Cristo, também ela receba a digna recompensa prometida pela sua boa conduta. Pela misericórdia e o amor pelos homens do teu Filho unigênito por quem tu és abençoado.<sup>90</sup>

## TRÊS CONSIDERAÇÕES A MODO DE CONCLUSÃO

Como conclusão, colhendo o conjunto das fontes pesquisadas, três considerações podem ser feitas:

1) Emerge como determinante a *feminilidade* da diácona: a concepção sociocultural e eclesial da mulher entra fortemente em jogo. Ser mulher foi motivo para admitir a sua ordenação ou não? Devemos dizer: a) *Onde a instituição de diáconas foi admitida*, aconteceu porque as mulheres, particularmente as empobrecidas, precisavam ser assistidas só por outras mulheres. Pois o cuidado realizado pelas diáconas voltava-se à reserva do mundo feminino em dificuldades, mas também para o ensino da doutrina cristã e para a colocação delas no espaço sagrado tanto nas Igrejas como nos mosteiros. b) *Onde as diáconas não foram admitidas*, a motivação foi que, sendo mulheres, não podiam exercitar autoridade nenhuma sobre os homens de Igreja. Pode-se observar que, inclusive nas listas de ministérios, a autoridade das diáconas sobre os homens sempre foi cuidadosamente evitada. Será corriqueiramente na esfera feminina que, com certa “hierarquia”, as diáconas retinham o primado.

2) Existe um constante reclamo ao paralelismo com

---

90 Cf. Cristina SIMONELLI/Moira SCIMMI. *Donne diacono? La posta in gioco*. Padova: Messaggero Padova, 2016 – nota 1, p. 90-91, grifo meu.

os diáconos a partir do idêntico título eclesial. Para explicar a instituição das diáconas, os autores focam com naturalidade o diaconato masculino com o termo de comparação por analogia e distinção. Se pela diferença enfocamos apenas o que foi dito, não parece que exista distinção na dignidade da diaconia pela qual foram instituídas também as mulheres na Igreja do Oriente. Um dado sintomático a tal propósito é que não se acha condenação alguma para a ordenação de mulheres, inclusive nas situações de grupos heréticos onde, com certeza, as diáconas existiram. O que sempre ficou claro foram as veementes condenações e proibições para as mulheres serem admitidas ao presbiterado.

3) Enfim, depois de atento exame surge como dado relevante que a mulher era instituída diácona pelo bispo a serviço da comunidade. Podia ser admitida com firme propósito de castidade, consagrada como virgem, abençoada para a vida ascética num mosteiro; uma viúva podia também ser constituída diácona a serviço de uma comunidade. Estas distinções aparecem claras na tradição oriental; na Igreja ocidental há muito ainda para pesquisar e aprofundar.<sup>91</sup>

---

91 Cf. Cristina SIMONELLI/Moira SCIMMI. *Donne diacono? La posta in gioco*. Pádua: Edizioni Messaggero Padova, 2016, p. 81-83.

## ANEXO – O QUE DIZEM A PALEOGRAFIA E A EPIGRAFIA CRISTÃS



A paleografia<sup>92</sup> oferece na catacumba de São Calisto<sup>93</sup> um afresco dos primeiros tempos da Igreja, aproximadamente do século III, conhecido como “*Il cubicolo dei cinque Santi*” (o cubículo dos cinco santos), referindo-se provavelmente a mártires aí sepultados. É curioso que não fala de santas, sendo que a maioria são mulheres, pelo imaginário antropológico, de atribuir maior dignidade à figura masculina.

O cubículo encontra-se em frente ao do diácono Severo (fimdo século III). As imagens representam cinco

92 Paleografia (do grego παλαιός = *antigo*; γραφή = *escrita*) é o estudo de textos manuscritos antigos e medievais, independentemente da língua veicular do documento. Por extensão de sentido, a paleografia estuda a origem, a forma e a evolução da escrita, independentemente do tipo de suporte físico onde foi registrada, do material utilizado para proceder ao registo, do lugar onde foi utilizada, do povo que a empregou e dos sinais gráficos que adotou para se exprimir com a sua linguagem. Epigrafia (do grego επι-γραφη = *sobre-escrita*; literalmente “inscrição”) é uma ciência auxiliar da história, que estuda as inscrições antigas ou “epígrafes” gravadas em materiais sólidos (madeira, rocha, ossos, metal), visando obter a decifração, interpretação e classificação das inscrições.

93 Cf. Ivoni Richter REIMER. *Catacumbas como memória e fonte para reconstrução de história de mulheres e crianças nas origens do cristianismo*. In: *Cadernos Patrísticos. A mulher na Antiguidade Cristã*, p. 190-193.

figuras em atitude orante: *Dionísia in pace*, *Nemésio in pace*, *Procopio in pace*, *Eliodora in pace*, *Zoe in pace*, *Arcadia in pace*: quatro mulheres e dois homens, pois o nome de Arcádia encontra-se na parte esquerda inferior, sem a imagem em atitude orante.<sup>94</sup>

A vestimenta, túnica e manto, aparece indicando um traje ministerial, caracterizada por cores fortes (avermelhadas, azul e branco). Na parte inferior da tumba, encontra-se a imagem de dois pavões (frutas e flores), um em cada canto, como símbolos da imortalidade, bem como uma série de utensílios: pratos, copos e jarras, lembrando a ceia eucarística.

Tentando uma possível interpretação da imagem a partir de textos do NT e da literatura paulina, existem homens e mulheres mencionados conjuntamente em funções missionárias e diaconais. Além de Filemon, Ápia e Árquipo, podemos destacar a diaconisa Febe, que, em sua diaconia, oferece asilo a pessoas peregrinas que precisam de proteção político-legal.

Pela pesquisa histórica da Igreja, sabe-se que até o fim do século III as diversas funções eclesiais, inclusive as litúrgicas, eram conhecidas e aprovadas de toda a comunidade como serviço próprio e específico da Igreja. Clemente de Alexandria, Hermas, Policarpo, Irineu, Inácio de Alexandria comentam sobre os diáconos, sem identificação de gênero, vinculando esse serviço também à Ceia sagrada, ao ensino e ao ministério baptismal.

Por causa da função e do *status*, é importante destacar a participação de mulheres nas funções eclesiais. Esta presença feminina estava envolta e impregnada

94 Cf. Antonio BARUFFA. *Le Catacombe di San Callisto: storia, arqueologia, fede*. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 2004.

de vários conflitos socioculturais por causa da novidade e da ruptura com o *status quo* do mundo patriarcal em questão.

Retornando ao afresco da catacumba de São Calisto, as imagens de mulheres e de homens podem ser interpretadas como uma representação da função diaconal exercida por Dionísia, Nemésio, Procópio, Eliodora, Zoe e Arcádia. Sabe-se que a função ministerial das diáconas esteve presente na Igreja desde o século III. Outro indício manifestado pelas vestimentas assinala detalhes dos mantos usados pelas figuras orantes, que contêm símbolos iguais na parte inferior (igualdade ministerial) e representam o símbolo ministerial diaconal.

Disto, conclui-se que as imagens dão suporte a uma linha de compreensão de que a participação igualitária de homens e mulheres em funções socioeclesiais continuava em vigor no fim do século III e até o início do IV.

Como referência paleográfica, a presença de diáconas na vida da Igreja em muitos lugares de Oriente e da Ásia Menor (aliás, muito elogiadas) é oferecida apenas de alguns dos inumeráveis testemunhos epigráficos em gravuras sepulcrais:

- Inscrição da diácona Maria, Capadócia (século VI): “Aqui jaz a **diácona Maria** de piedosa e feliz memória, que, segundo as palavras do apóstolo, educou crianças, hospedou viajantes, lavou os pés dos santos, repartiu o pão aos necessitados. Lembra-te dela, Senhor, quando venhas em teu reino”.
- Da região de Licônia, cheia de documenta-

ções epigráficas, temos a lembrança da diácona Basilissa: “Quinto, filho de Eráclio, com sua mulher Matróna e seus filhos Aniceto e Catilla, todos os quatro jazem neste túmulo. A mulher de Aniceto, a **diácona Basilissa**, erigiu essa tumba com a ajuda de seu filho Numitório, que ainda é pequeno”.

- Outra inscrição: “Aurélio Lúcio e Aurélio Vaca à doce irmã deles, a **diácona Goulasi**, de agradável memória”.
- Em Icônio, aparece: “Acompanhou à sepultura sua irmã, a **diácona Atiani**, de feliz lembrança”.
- Em Goslu, duas inscrições: “A **diácona Strateghis** com meu filho Pancrazio colocamos esta inscrição a meu marido Mennea, à minha cunhada Alessandria e a meu filho Domnos de grata lembrança”; e “A **diácono Aurelia Leonziana** com a minha mãe Pribis e o meu filho Anacleto colocamos...”.<sup>95</sup>
- Caso muito curioso é a de uma epígrafe na Gália, da **diaconisa Teodora**, na Gália-Ticino (Santa Trinità-Pavia): “aqui jaz em paz, de boa lembrança, a diácona Teodora, que viveu mais ou menos 48 anos. Sepultada em 22 de julho de 539”.<sup>96</sup>
- Aqui jaz a **diácona Nicágora**.

95 Cf. Monica SCIMMI. *Le antiche diaconesse nella storiografia del XX secolo*, p. 196-203, grifo meu. Sobre a última inscrição, segundo A.G. Martimort, a diácono seria Pribis, e não Aurelia Leonziana.

96 SCIMMI. *Le antiche diaconesse*, p. 342. Segundo Ute Eisen, esta epígrafe demonstra certamente a existência de diáconas na Gália do VI século. Não obstante, desde o século IV repetidos concílios regionais tentaram suprimir o ministério diaconal das mulheres.



- Túmulo da **diácona Irene** e da minha serva Zoé, o Senhor nos acolha.
- Aqui jaz a serva do Senhor **Theoprepia**, virgem e **diácona** de Cristo, que levou uma vida ascética, cheia de zelo pelo Senhor e sobretudo digna de louvor no Senhor Deus.

## Guillermo Daniel Micheletti



**P**adre Guillermo Daniel Micheletti. Presbítero argentino; exerce seu ministério na Diocese de Santo André/SP. Vigário Paroquial da Paróquia Santíssima Virgem, de São Bernardo do Campo. Licenciando em Ciências da Educação – especialização em Pedagogia pela Faculdade Pontifícia *Auxilium*, Roma. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Catequetas (SBCat). Membro da Sociedade Latino-americana de Catequetas (SCALA). Membro da Sociedade Argentina de Liturgia (SAL). Escritor sobre Catequética e Liturgia e outros temas afins. Autor de vários artigos e livros publicados pelas editoras Ave-Maria, Paulinas, Paulus, Vozes e Santuário.



# CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraudo, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introversa: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Deislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushí Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais - Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 “*Gloria Victis – ainda que tarde!*” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind
- N. 168 Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung - Nilson Perissé
- N. 169 Meu Cristo Mutilado. Fundamento de minhas esperanças - Pedro Gilberto Gomes
- N. 170 A “Opção Francisco” e o caminho da sinodalidade - Phyllis Zagano
- N. 171 Uma realidade para além da vontade: Agostinho, IA e a vindicação da teofania - Jordan Joseph Wales
- N. 172 A Opção Francisco e a reforma da Igreja. Desafios e perspectivas - Massimo Faggioli

 UNISINOS